

• DESTAQUE



MACKENZIE: UMA PARCELA DE VIDA

Ariovaldo Augusto Peterlini*

Pediram-me algumas colegas que trabalham em Letras, na Universidade Presbiteriana Mackenzie¹, que lhes dissesse algo sobre o que significaram em minha vida os 25 anos que passei lecionando no Mackenzie. Por certo alcancei realizar ali grande parte de meus sonhos de professor do ensino secundário e também do superior.

É trivial a frase “o homem é sempre o maior espetáculo para o homem” e, creio, ela poderia acrescentar-se com outra asserção: a vida de cada homem, se bem relatada, constituiria um bom romance, mesmo para o próprio personagem central. Nenhuma vida, vista com olhos de ver, é comum.

Há coisas dificilmente explicáveis em nossas vidas, pelo menos até hoje. Como entender que um garoto, filho de torneiro mecânico, com oito anos de idade, fazendo seu primário na cidade de Amparo, interior de São Paulo, em 1938, sem ambiente para letras, gostasse de ler a “Canção do exílio” de Gonçalves Dias – de barriga no assoalho e pernas para o ar, ainda me lembro – ou *Pelo Brasil* de Bilac e Coelho Neto, ou de conviver com os personagens do *Sítio de Monteiro Lobato*? Como explicar que esse garoto, cuja família de latim só sabia que era língua de padre, sonhasse em ser coroinha, para saber falar latim – assim pensava – e pela esquisita razão de conhecer uma língua que os outros não entendessem... Nunca dos nuncas poderia imaginar que, ironicamente, passaria bem mais da metade da vida empenhado em fazer com que centenas e centenas de alunos conseguissem entender o latim! Ninguém de casa tinha proximidade com padre, para que se tornasse coroinha. Mas, estranho, um encontro casual do garoto desconfiado com o velho e bom pároco acabou por realizar-lhe o desejo.

* Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

¹ O professor refere-se às professoras Elaine Cristina Prado dos Santos, Maria Zélia Borges, Helena Bonito Couto Pereira e Regina Helena Pires de Brito.

Depois veio o internato em Campinas, de 1942 a 1947, para aprender mesmo latim. Contudo, foi nessa época que me encantei, permitam-me agora a primeira pessoa, mais pelo português que pelo sonhado latim. Por minha conta, tomei ao português um gosto que a escola não privilegiava a tal ponto; sentia entusiasmo no aprender assim a escrever bem como o domínio da gramática. Foi na *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet e na *Língua Vernácula* de Sá Nunes que tive meus primeiros encantamentos por Camilo, no *Suplício da Marquesa de Távora*: "...O patear cadente dos cavalos fazia um ruído cavo na terra empapada pela chuva ... sobre a capa que dobrou de vagar, horrendamente de vagar ... não me descomponhas, disse ela, e inclinou a cabeça"; por Castilho: "Por tudo isso se admira Vieira: a Bernardes admira-se e ama-se"; por Bernardes, por Vieira, por Herculano, por Eça de Queiroz, por Alencar, por Coelho Neto, por Afonso Arinos, cujo "Buriti perdido" jamais me esqueceu; por Gonçalves Dias, por Castro Alves, por Casemiro de Abreu – "Meus oito anos", como entendia e sentia aquela "sombra das bananeiras", aquele "debaixo dos laranjais", menino de sítio que eu fora; por Jorge de Lima cujo poema "Meninice", embora "batizado" pela censura escolar – eu não sabia então – acendeu-me o interesse pelo Poeta, que leio com carinho ainda hoje. Até Trilussa me conquistou ali para suas fábulas, numa belíssima tradução de Luiz Edmundo. Em razão disso sempre compreendi a defesa que o Prof. Isaac Nicolau Salum, que lecionou no Mackenzie e foi um de meus mestres na USP, fazia das antologias como adequadas a despertar nos adolescentes o interesse pela literatura, oferecendo à escolha de cada um o autor que mais lhe caía em gosto.

Assim, fascinado por escrever bem e falar com perfeição, lia os meus autores e, munido de dicionários de regimes, de sinônimos, de termos analógicos; de gramáticas, de pesquisas feitas em revistas de língua portuguesa, de livros sobre a arte de escrever, sobre a expressão oral e elementos de retórica, ia só, dentro de minhas limitações e das que me permitiam o tempo e as disciplinas maiores do currículo, tentando alcançar os meus objetivos, resvalando, não raro, pelo rebuscado. Qualquer trabalho que me dessem, fosse qual fosse a sua natureza, esmerava-me em entregá-lo com a maior perfeição que pudesse, tanto formal como de conteúdo. Lembra-me que, tendo de falar alguma coisa a colegas sobre a passagem evangélica da ressurreição da filha de Jairo, não me tive que não pusesse ao cadáver uma mosca a passear-lhe por entre as sobranceiras – era o pormenor forte que me ensinara Antônio Albalat – como índice do imóvel e insensível da morte. "Isto é uma nojeira!", disse-me o professor que corrigia com antecedência os trabalhos. Tirei a minha mosca, mas com petulância juvenil, achei para mim que o professor não estava à altura do processo literário da descrição realista. Coisas de principiante.

Esse empenho todo me pôs no grupo dos críticos de trabalhos de nossa academia do colegial, fez-me orador oficial do Colégio para as ocasiões do agradecimento de improviso, o que me estragava muitos passeios, e cheguei mesmo, digo-o com certo pejo, a tornar-me um dos poetas "oficiais" para poemas de ocasião! Mas aprendi muita coisa, apesar de só vir a conhecer os modernistas bem mais tarde e sozinho, pela mão do verde-amarelismo de Cassiano Ricardo. Durante os três anos em que fiz Filosofia, de 1948 a 1950,

em São Paulo, em instituição particular, o meu entusiasmo pela arte literária não esmoreceu.

Em 1954 entrei para a, naquele tempo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, situada então na Rua Maria Antônia, para cursar Letras Clássicas, em que me formei em 1957. Como tinha algum domínio do português, do latim – tinha já escrito algumas páginas em língua latina, embora meus conhecimentos dos clássicos fossem sofríveis e os de fonética e morfologia históricas nulos – e do grego, se bem que não tinha ido muito além da *coinê*, o início não pesou demais. Mas, depois, foram-se avolumando as tarefas e foi árdua a luta, pois para manter-me devia trabalhar, ao menos meio dia.

Entre os muitos mestres a quem vou ser grato para sempre, alguns foram particularmente próximos: Professores Armando Tonioli, de Latim – precisão, compreensão, amizade; Robert Aubreton, de Grego – competente e entusiasta; Nicolau Salum, de Filologia Românica – fenômeno em minudências e por extremo competente e amigo; Theodoro Henrique Maurer – sábio silencioso, mestre em Lingüística Clássica, em Filologia, em Latim, em bondade. Aos vivos ainda é possível dizer-lhes um *muito obrigado!* Professores Segismundo Spina – filólogo excelente e esmerado cultor da língua portuguesa; Massaud Moisés e Aderaldo Castelo, que me ensinaram a ler, em maior profundidade, respectivamente, os escritores lusos e os brasileiros.

Já em 1954, iniciante de Letras Clássicas, como não tinha registro em nenhuma disciplina, comecei a lecionar História Universal e do Brasil num curso de madureza, e o fiz com extremo prazer, pois sempre me empenhei em dominar os fatos, suas causas e efeitos, e as datas dos acontecimentos humanos. Aí fiquei por seis anos e até hoje não me arrependo disso, pois acredito que um intelectual desconhecedor da História está fora do tempo. Quanto mais se conhece o passado, melhor se consegue pensar.

Em 1956 obtive por concurso público o cargo de professor titular de Língua Latina no Colégio Prof. Ascendino Reis, em São Paulo. Não terminara ainda meus estudos de Letras Clássicas e conseguia a oportunidade de a eles dedicar-me com mais sossego, atento o fato de que a remuneração de um professor concursado era, naquele tempo, respeitável, além da satisfação de poder deixar meu trabalho no banco, onde tinha mais cultura que todos os do meu grupo, mas era o que menos sabia de serviço bancário.

Em 1958, já formado, ofereceram-me a disciplina de Português e Literatura no Colégio de Santa Inês. Ensejo de ouro para aperfeiçoar-me na área: colégio de freiras, ambiente disciplinado, alunas de certo dedicadas. Enquanto as orientava no estudo dos autores portugueses e brasileiros, obrigava-as a rever por inteiro uma gramática portuguesa, em dois anos, com provas mensais e redações corrigidas e comentadas. Consegui que muitas escrevessem bem. Fundei uma academia literária e usei o teatro com a *Antígona* de Júlio Dantas. Alegrias de professor!...

Em 1960, Prof. Armando Tonioli me convidou para auxiliá-lo na Faculdade, na USP, como instrutor, e para substituí-lo como professor de Latim no *Colégio Mackenzie* e ajudá-lo como assistente de Latim na *Faculdade de Ciências, Letras e Pedagogia da Universidade Mackenzie*. Iniciava-se aí minha carreira de professor universitário, que no Mackenzie se alongaria por 25 anos, até 1985, e na USP, até hoje.

A par com tudo isso, ia trabalhando em meus cursos de pós-graduação até o doutoramento direto em 1973, com uma tese sobre a interrogação em latim, passando a partir daí, lentamente, a ministrar cursos de pós-graduação e a orientar alunos para o mestrado e para o doutoramento.

O *Colégio Mackenzie* foi, sem dúvida, parcela importante na realização de meus ideais de professor e educador: período diurno, escola mista, ambiente saudável, alunos que não precisavam trabalhar para viver e, portanto, podiam estudar, sem problemas maiores que os normais da juventude e da escola. De início as aulas foram de Latim: tive alunos que chegaram a “derrubar” professores menos experientes. De um me lembro, que fora também aluno do Prof. Salum, e era tão capaz que ao examiná-lo em prova oral de fim de curso, tendo ouvido dizer a alguns colegas seus que presenciavam o exame: “Professor, a ele o senhor pode perguntar o que quiser...”, após haver findo a argüição normal que lhe garantiria a nota, cedi à tentação... Não consegui fazer-lhe, dentro da matéria obrigatória, pergunta a que não respondesse. Extraordinário para um aluno de colegial!... Nunca vou esquecer.

Como professor de Português pude realizar várias experiências didáticas em classe e mesmo fora dela. Além do apoio e confiança com que sempre me honrou a direção do Colégio, muita vez contei com o empenho do Dr. Cláudio Pereira Jorge, então vice-presidente do Instituto, em projetos maiores como o espetáculo “Verdade e Tempo”, um conjunto de textos recitados por jograis, de pequenas representações teatrais de crítica moral social ou individual e de uma peça de José Régio. Nunca vi tantos alunos trabalhando tanto. O cenário foi pintado por Antônio Peticov, um aluno do terceiro ano, que já expunha na Bienal e é hoje nome internacional na pintura. Nosso ecônomo, extremamente sério e competente, viria a ser, alguns anos depois, o juiz mais jovem do Brasil. Do responsável geral, que não era dos alunos mais brilhantes, mas excelente administrador, receberia eu, surpreso, muitos anos depois, um convite para lecionar na Faculdade que estava fundando. Foi um grupo inesquecível que lotou o Rui Barbosa e deixou basbaque a muito pai, com respeito à capacidade do filho. Foi ainda com o Dr. Cláudio que consegui a aquisição da biblioteca do Prof. Armando Tonioli, após seu falecimento, capacitando assim a área de Letras Clássicas da *George Alexander* mesmo para trabalhos universitários.

Pediria aos antigos colegas do Colégio que me permitissem a lembrança de alguns nomes como o de Miss Clary, do Prof. Egydio, do Prof. Parga, do Prof. Naim...

Em 1969, devendo assumir como titular a disciplina de Língua e Literatura Latina na Faculdade de Ciências, Letras e Pedagogia da Universidade Mackenzie, precisei dizer adeus ao Colégio. Aí se encerravam minhas aulas de Português e Literatura Portuguesa e Brasileira. Tinha pela frente o latim e sua literatura, no ensino superior, no Mackenzie e na USP.

Com dois anos de Latim na Faculdade, era possível levar os alunos a traduzir textos em prosa e a poesia de Catulo e Horácio. A visão geral da literatura latina se fazia pela leitura cobrada de um manual e sua antologia e pelo estudo dos autores principais, executado por grupos que deveriam dar conta da pesquisa numa aula aos colegas e num trabalho escrito que, corrigido, serviria de base para o exame oral do grupo, exigindo assim a

participação de todos. Fui compondo, aos poucos, uma pequena biblioteca especializada para tais pesquisas, que facilitasse o trabalho dos alunos. Além de literatura, os seminários ocupavam-se também de temas clássicos como mitologia, artes, influxo clássico na civilização ocidental etc. Guardo ainda alguns trabalhos dessa época, tão bons foram. Havia todo ano uma audição solene dos *Catulli Carmina* de Carl Orff; vez por outra exibiam-se filmes que tivessem temas clássicos gregos ou latinos, para análise; quando Cleide Iáconis apresentou a *Medéia* de Eurípides, a peça foi estudada a fundo e lotamos o teatro com uma platéia interessada e capaz de discutir.

De 1974 a 1977, como chefe do Departamento de Letras, consegui a criação de duas disciplinas que sempre tive como necessárias a um bom professor de Letras. Cansado de não ouvir bem, por deficiência de volume de voz ou má dicção, boa parte do que diziam em aula alguns dos meus melhores professores, percebi que a preocupação com o saber despreocupara a escola da arte de dizer, o que é essencial numa comunicação. Volume adequado de voz, consoante a posição professor; dicção perfeita; empenho em saber se está sendo ouvido e entendido; elucidação de termos pouco usados mas necessários etc. A disciplina Expressão oral, que entreguei a uma professora ligada a teatro e técnica em defeitos de linguagem, deveria suprir tais deficiências. Outra disciplina foi Fundamentos filosóficos da literatura. Desde que conheci a obra de William Fleming *Arts and Ideas*, onde ele procura relacionar ao pensamento filosófico de cada época as várias artes desse tempo, pensei que um professor de Literatura que tivesse essa base de conhecimento seria de extremo valor para si e para seus alunos. Eu tinha um ótimo professor de Filosofia, o Prof. Abival Pires da Silveira, educador equilibrado, que fora aceito com carinho pelos jovens no Colégio Mackenzie, e dele confiei a disciplina. Tinha a certeza de que todos os alunos que o tivessem por mestre não lhe esqueceriam jamais as lições.

Como algumas unidades da USP funcionavam defronte ao Mackenzie, vários professores dali lecionaram também no Colégio Mackenzie ou na Faculdade desde a sua fundação. A alguns tive a honra de conhecer no Mackenzie ou na USP: Prof. Abraão de Moraes, Prof. Theodoro Maurer, Prof. Nicolau Salum, Prof. Amora, Prof. Antonio Candido, Prof. Tonioli, Prof. Alfredo Bosi e tantos outros. Era possível manter alto e sério o nível de ensino no Mackenzie, atenta a base cultural dos alunos, o conhecimento dos mestres e o interesse da direção. Lembra-me que uma das minhas alunas, depois de formada, foi colega na pós-graduação de latim na USP e, na prova final de versão de um texto português de vinte linhas para o latim, tivemos a mesma nota: 9,5. Foi uma grande alegria para mim. Mais tarde seria colega, em outra disciplina, na USP.

Centenas e centenas de alunos a quem tentei deixar o legado da cultura clássica; os colegas de magistério, inclusive de outras disciplinas, com quem conversei amigavelmente por anos na sala comum dos professores, como o Prof. Leoni, o Prof. Idel Becker, o Prof. Grisi, o Prof. Hoffmann...; o velho edifício *Chamberlain*, de 1901, onde trabalhei por tantos anos..., nunca esquecerão na minha alma. Nem vou deslembrar os momentos tristes, como o da aluna que, ao comentar eu, em poema de Horácio, um motivo assíduo nas Odes, a morte, questionou de forma estranhamente inusitada, quase agressi-

va, alguma coisa da exposição. Era uma das últimas aulas da tarde de sexta-feira. Sábado de manhã, quando cheguei para as aulas, havia no quadro de avisos um convite para o funeral de uma aluna. Foram as colegas que me disseram quem era: “Aquela que discordou ontem, à tarde, na aula, professor”. O noivo veio buscá-la para levá-la ao curso em que lecionava; num cruzamento da Arcoverde, numa manobra rápida para desviar de um imprudente, ela tombou do jipe e bateu com a cabeça na guia da calçada... Fui ao enterro e ainda sinto nas minhas as mãos da mãe desolada, perguntando-me como podia aquilo acontecer...

1985. O governo de São Paulo concedia tempo integral a inúmeros professores que o tínhamos solicitado havia anos. Tivemos de dizer adeus ao Mackenzie, eu e inúmeros colegas. Era a hora de dedicar-me mais à pesquisa e à pós-graduação, de orientar professores para o mestrado e o doutoramento, o que venho fazendo até hoje, mesmo oficialmente aposentado.

Diria que sou por natureza professor e por imposição da carreira, pesquisador. Grande parte de minhas pesquisas visou aos cursos de pós-graduação e aos trabalhos apresentados em eventos relacionados à cultura clássica greco-latina. Acredito ter elaborado uma meia centena de trabalhos para exposição, dos quais parte se publicou em revistas especializadas. Tenho também publicadas, em antologias, algumas traduções em prosa de textos de Salústio, Tito Lívio e Tácito e, metrificadas, as de alguns poemas das Odes de Horácio. Não publicadas, tenho já prontas as dos poemas dos livros I e II das Odes e de vários dos livros III e IV, que, se tempo e condições tiver, pretendo comentar e publicar.

Minhas leituras, praticamente, se limitam hoje às publicações sobre assuntos de minha especialização, é claro em francês, em italiano, em espanhol e em inglês. Do resto me informo pelos jornais e revistas: se me dão notícia de algo que me interesse mais, adquiero a obra para ler. Se me batem saudades dos meus autores em língua portuguesa, não custa reler alguma coisa de Drummond, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Jorge de Lima, Machado, Vieira, Camilo etc... Mas a maior parte do tempo fica para os latinos.

Dizia um antigo professor meu, italiano, que nunca alcançamos ver bem o que está muito próximo dos olhos. Isso faz pensar na sabedoria grega do “conhece-te a ti mesmo” e no como é difícil ajuizar da própria época..., para não dizer também das outras; da nossa, por estar demais próxima; das outras, porque teimamos em vê-las através da nossa. A que vem isso? Para os que já têm alguma idade, salta aos olhos a queda do interesse pelos Estudos Clássicos e Humanísticos nos currículos escolares impostos aos educadores do Ocidente, de uns tempos para cá, atenta a preocupação em tornar o homem em algo tecnicamente útil. Entre nós, para lembrar algumas deficiências, raros alunos entram para o ensino superior escrevendo corretamente; poucos dominam uma língua estrangeira ou têm satisfatório conhecimento da História, ao menos factual. À vista desse decair geral do ensino básico, como explicar a multiplicação, hoje, de excelentes publicações especializadas de cultura greco-latina e traduções esmeradas bilíngües dos autores clássicos, na Europa? Mesmo entre nós, eventos regionais e nacionais sobre Estudos Clássicos têm-se realizado constantemente, alguns com par-

participação de especialistas estrangeiros da França, da Itália, da Espanha, da Inglaterra, da Argentina, que não raro ministram aqui cursos de pós-graduação. E a participação, em contrapartida, de nossos professores de Clássicas em congressos internacionais no Canadá, em Cuba, na Argentina, na Itália, na Grécia etc. Os cursos extracurriculares de latim e grego, na USP, têm suas vagas, de normal, lotadas. O de grego, particularmente, ganhou renome já pela eficiência do método do Prof. Henrique Muraccho, já por alguns alunos doutores em matemática, em eletrônica, em medicina, que ali aprenderam a língua de Platão. O Professor já foi solicitado a expor o seu método em vários eventos no Brasil, na Argentina e na Suécia. Nunca se publicou tanto no Brasil sobre assuntos da cultura clássica greco-latina, nem se produziram tantas traduções em edições bilíngües. Difícil explicar tamanho interesse, em face do desinteresse dos currículos oficiais!

Depois que o latim foi banido do ensino de primeiro e segundo graus e confinado a um mínimo vergonhoso em grande parte das Faculdades de Letras, que melhor se chamariam Facilidades de Letras, como diria o Prof. Silveira Bueno em idos tempos, paradoxalmente, cresceu o interesse dos bons alunos pelo latim e pelo grego. Minhas últimas turmas de latim na graduação da USP, sobre terem maior número de alunos que as anteriores, inexplicavelmente, progrediram em competência. Há dez anos, essas turmas eram constituídas de dois ou três alunos excelentes e de outros muito fracos; hoje, inverteu-se a situação: numa turma de dez alunos, um ou dois são menos capazes. Isso aconteceu também na pós-graduação. Como explicar?!

Enfim, uma breve mensagem aos futuros professores de Letras, na tentativa de completar o roteiro que me propuseram as atenciosas colegas do Mackenzie para este depoimento. Aluno que fui, e ainda sou, e professor de adolescentes e jovens por 55 anos, sei com certeza que a juventude distingue a preceito os tipos de mestres que tem à sua frente – e tem tempo suficiente para isso. Mas há uma percepção básica, que é reconhecer para logo a que vem o professor; se está voltado para si, para seu lucro, valendo-se da “mercadoria” do conhecimento que vende, ou se faz do progresso humano e cultural dos alunos sua razão de ser em sala de aula e compreende sua disciplina como parte de um conhecimento mais amplo, cujo objetivo é a certeza ou a busca de um sentido para a existência humana. As Faculdades se ocupam normalmente em exigir dos que nela estudam o conhecimento das disciplinas, mas deixam a cada jovem a tarefa de construir o Homem que pretende ser, sem sequer adverti-lo disso. A menos que mestres mais conscientes alertem seus alunos do problema e ponham algum empenho em ajudá-los de onde em onde, as Faculdades se assemelharão cada vez mais, se tanto, a fabriquetas de computadores. Um estudante universitário de Letras, se pretende de fato ser um Professor, deve, junto com seu currículo da escola, construir um itinerário de estudos particulares, que lhe permitam o melhor conhecimento de si, do mundo em que vive, resultante de um passado que cumpre saber; conhecimento do que a inteligência humana alcançou até hoje no campo das idéias, noções ao menos da história da filosofia, nem que seja pelo *Mundo de Sofia* de Jostein Gaarder; do significado das religiões na existência humana, da fragilidade do juízo dos homens ao longo da história e, portanto, do extremo respeito que impende manter pela opinião alheia etc.

DESTAQUE

Um Professor de Letras estará sempre ligado a seus alunos também pelo presente, pela leitura do jornal e da revista, pelas artes, pelos filmes de valor, pelo teatro, enfim, por tudo quanto importe na construção do momento atual, que será história amanhã. Só assim, penso eu, será possível tornar-se o jovem naquele Professor, que todos tivemos, em algum lugar, um dia, cuja presença em sala de aula se aguardava com satisfação, pois, de par com a disciplina ministrada, ele nos ia ensinando constantemente a arte de “ser”.

São Paulo, 25 de abril de 2000.



